

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUCAS DE JESUS SANTOS

**EDUCAÇÃO HISTÓRICA DIGITAL: a consciência do tempo em conjunto
com as redes sociais.**

SÃO CRISTÓVÃO

2023

LUCAS DE JESUS SANTOS

**EDUCAÇÃO HISTÓRICA DIGITAL: a consciência do tempo em conjunto
com as redes sociais.**

Artigo apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de licenciatura em História, orientado Professor Dr. Jorge Luiz Zaluski, no semestre letivo de 2023.2

SÃO CRISTÓVÃO

2023

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
A ERA DIGITAL: O LOCUS DO TEMPO PRESENTE	5
O MANIFESTO DAS CULTURAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.....	7
EDUCAÇÃO HISTÓRICA NO YOUTUBE: APONTAMENTOS ESPECÍFICOS DE UMA AMPLA DISCUSSÃO	10
A GUIA DE CONSIDERAÇÕES: O CAMINHO ENTRE AS REDES SOCIAIS RUMO A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....	13
CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS	17

INTRODUÇÃO

A dedicação da História em investigar sobre as experiências humanas no tempo, tem como objetivo tornar possível a compreensão do todo a partir dos fatos. Nesse percurso marcado por distintas transformações epistemológicas, tem se apresentado importantes reflexões acerca dos fenômenos históricos que caracterizam as sociedades de acordo com as formas pelas quais as mesmas interagem com o externo.

Atualmente, vivemos numa Sociedade Digital que, por sua vez, é o produto das mudanças culturais provocadas pela revolução digital que emergiu na última década do século XX. As práticas contemporâneas, no que tange às experimentações humanas no campo das interações com o seu meio, tem passado por transformações que articulam as novas tecnologias e inserem-nas nos mais diferentes contextos das relações de sociabilidade, reconfigurando assim as noções culturais do tempo presente.

Em termos de educação, percebemos um aumento notório do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nas práticas educativo-institucionais. Logo, considerando as suas interferências no contexto da cultura educacional, tomamos ciência das transformações nas práticas cotidianas ligadas aos processos de ensino-aprendizagem. E é nesse contexto que o seguinte artigo pretende discutir, visando refletir sobre o uso dos dispositivos digitais nas atividades histórico-educativas, com o interesse em compreender as formas como a educação histórica, em seu mais amplo sentido de aplicabilidade social, pode ser efetivada a partir das mediações promovidas por estes aparatos.

Para tanto, nos apoiaremos inicialmente na metodologia de análise de redes sociais a fim de investigar as narrativas históricas construídas pelos internautas através das plataformas que promovem a comunicação e a informação em seu estado de interconectividade. Nesse caso, utilizaremos como fonte o canal da historiadora Débora Aladim (do YouTube) que articula os conhecimentos históricos para fins educativos relacionados à história enquanto disciplina escolar. A micro-história, quando integrada à análise de redes sociais, nos possibilitará um enriquecimento na compreensão das dinâmicas sociais subjacentes à estrutura da rede de forma mais ampla, no que tange a construção dos saberes históricos.

Para contextualizar a discussão proposta pelo seguinte estudo, direcionaremos a narrativa a partir das reflexões acerca de conceitos previamente existentes. Iniciaremos com Barros (2022) e as ideias sobre a Era Digital (a qual implicará no surgimento de uma nova

configuração social). Em seguida, elencaremos alguns pensamentos sobre a cultura contemporânea a partir do que pronunciam os autores Stuart Hall (1997), Clifford Geertz (1989), Pierre Lévy (1999) e Lúcia Santaella (2001) a respeito da sistematização das práticas e signos que configuram esta esfera no tempo presente. Nos embasaremos ainda nas ideias sobre a educação contemporânea, encaminhando a discussão para a reflexão deste campo dentro da área histórico-educativa a partir da noção da educação histórica apresentada por Jörn Rüsen (2006).

A bibliografia citada nos ajudará a compreender a forma como se deu a estrutura social no tempo presente e de que maneira ela estabelece um novo conjunto de práticas socioculturais que necessariamente interfere no campo da educação com ênfase às suas influências nos processos de construção do conhecimento histórico. Ao final deste estudo, pretendemos evidenciar as maneiras pelas quais os dispositivos digitais sociais se integram aos processos de busca e produção do conhecimento em direção à consciência histórica.

A ERA DIGITAL: O LOCUS DO TEMPO PRESENTE

O espaço à nossa volta, em seu constante estado de transformação, tem nos apresentado formas inovadoras de interação e, conseqüentemente, de adaptação aos meios que nos permitem a definição das características culturais emergentes nas sociedades ao longo da história. Atualmente, vivemos num mundo onde, cada vez mais, utilizamos as tecnologias digitais da informação e comunicação para realizar inúmeras atividades cotidianas nas mais distintas esferas existentes. Em outras palavras, estamos diante de uma Era que articula os meios digitais e virtuais para promover a informação.

O conceito de Era digital, no qual se baseia o pensamento inicial do seguinte estudo sobre o conjunto social contemporâneo, relativo à demarcação de tempo e espaço, é abordado como um produto da última grande Revolução Transversal (BARROS, 2022) ocorrida na história da humanidade, principalmente ao longo da década de 1990. Como principal característica de um advento tamanho, tendo em vista o caráter de ruptura que o próprio termo revolução recebe nesse contexto, destaca-se a proporção que as mudanças culturais provocadas pela interação com as novas tecnologias tomam na medida em que estas se popularizam.

José D’assunção Barros (2022) enfatiza sobre a ideia de uma polifonia gradativa existente entre as quatro grandes revoluções que reconfiguraram as interfaces sociais em escala mundial: Revoluções Agrícola, Urbana, Industriais e Digital, evidenciando assim os aspectos de inovações e transformações técnicas aos quais a humanidade fora submetida a partir do estabelecimento das diferentes Eras. De acordo com o historiador, estas “vão se *sobrepondo*, de modo que o mundo agrícola adquire um novo sentido ao ser intercalado pelos ambientes urbanizados, e ambos adquirem novos sentidos na Era Industrial, da mesma maneira que o rural/urbano também irão se apresentar com novas facetas na Era Digital” (Barros, p. 30).

Como bem elucidado pelo autor, “a mera invenção da tecnologia digital está longe de ser o mesmo que a revolução digital, e mais longe ainda de implicar necessariamente numa sociedade digital” (Barros, p. 31). Faz-se correto, portanto, afirmar que existe um longo processo entre o surgimento destes dispositivos, o estabelecimento da Era regida pelos mesmos e ainda de uma cultura derivada das interações humanas com este meio.

Nesse contexto, é possível refletir sobre as maneiras pelas quais as sociedades, ao longo do tempo, adaptaram-se aos dispositivos que modificaram os modelos de sociabilidade pré-existentes na medida em que foram incorporados pelas novas tecnologias. Podemos aqui estabelecer uma reflexão sobre a existência de uma relação direta entre a técnica e o agente que a executa, na qual o primeiro interfere no *modus-operante* do segundo que, por sua vez, estabelece uma prática comum entre os seus iguais.

Inicialmente, o que possibilita a passagem da era industrial para a digital é a descoberta da energia elétrica no início do século passado, a qual demarca o acontecimento da segunda Revolução Industrial e condiciona a invenção dos primeiros computadores, majoritariamente sendo utilizados para a formulação das estratégias de guerra. O aperfeiçoamento dos equipamentos elétricos, após o surgimento dos microprocessadores, resulta na emergência dos computadores pessoais (PC) que configuram uma nova forma de pensar as tecnologias.

Ao passo que estes aparelhos, agora direcionados as suas utilidades individuais, ganham uma maior proporção no quesito de portabilidade, o advento da internet atribui à sociedade uma característica de interconectividade e viabiliza, se não for um equívoco dizer que ela determina, a relação de universalidade indissociável existente entre a informação e a comunicação, as quais, mediadas pela interação e execução de práticas midiáticas, expandem o campo de possibilidades socioculturais.

Somado aos fatores apontados acima, pontua-se ainda o sistema de codificação binária como sendo a base da linguagem digital necessária para a leitura dos dados que circulam pelo espaço virtual em formato de hipertextos. De acordo com Lévy (1999), este dispositivo traduz a complexidade do mundo em representações digitais simples (restritos a variações de códigos estruturalmente intercalados entre os números 0 e 1) ao passo que permite a manipulação eficiente da informação. Dessa forma, os diferentes canais midiáticos passaram a processar e transmitir dados de maneira precisa e amplamente acessível.

A partir da convergência dos adventos mencionados, grande parte dos dispositivos tecnológicos digitais foi gradativamente incorporada às atividades que executamos diariamente. Seja quando interagimos virtualmente em uma rede social ou quando utilizamos os serviços de ordem bancária que os aplicativos nos permitem, estamos diretamente vinculados ao processo de reprodução e criação de novos costumes.

Hall (1997) afirma que “toda ação social é cultural” e que, sendo assim, “todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado”. Isto posto, partindo do princípio que o ser humano é dotado da capacidade de receber, observar, interagir, absorver e produzir a própria cultura, entende-se que a sistematização destes signos demarca o advento de uma nova forma de interagir com o externo e a esfera cultural se modifica na medida em que se estabelecem as diferentes práticas no campo das relações. Logo, a partir dos estudos de Hall, podemos perceber como, por meio da conectividade entre as redes, ampliaram-se as trocas culturais que auxiliam no rompimento epistêmico hegemônico, sendo as tecnologias digitais um dos caminhos para construir e/ou participar de novas narrativas históricas.

O MANIFESTO DAS CULTURAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Uma das abordagens que articulam o pensamento sobre o conceito de cultura é a do antropólogo Clifford Geertz (1989) que a classifica como um “sistema entrelaçado de símbolos e de seus significados” sujeito às interferências provocadas pelos meios articulados em sociedade. Nesse contexto, Lúcia Santaella (2003) estabelece um raciocínio linear acerca das implementações técnicas que provocaram mudanças cognitivas nas interfaces sociais ao longo do tempo e que, consequentemente, resultaram em produtos culturais específicos.

A autora elenca os produtos resultantes das transformações tecnológico-sociais dividindo-as em seis formações: “a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital” (Santaella, p. 24). Santaella explica que o processo de passagem de uma cultura para outra, além de não implicar necessariamente em uma relação de descontinuidade técnica, ocorre de forma gradual e que as diferentes sociedades se estabeleceram paulatinamente ao passo que melhor compreendem as suas próprias (re)significações.

No que diz respeito às reflexões acerca da cultura contemporânea, o filósofo francês Pierre Lévy (1999) nos permite a um pensamento introdutório da mesma quando teoriza sobre a cibercultura. Esta, por sua vez, é definida por ele como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 14). Em outras palavras, a cibercultura refere-se a uma série de práticas e signos resultantes da interação social com as tecnologias digitais incorporadas pela rede. Aqui, a interconexão das mídias está para a comunicação assim como o livre acesso está para a informação e ambos se encontram para o novo cultural.

Estudos mais recentes, que investigam este fenômeno, atribuem à cibercultura um caráter de ramificação das Culturas Digitais. Este conceito, por sua vez, parece melhor incorporar o conjunto de símbolos emergentes no campo das atividades intermediadas pelas TDIC, ultrapassando as fronteiras do ciberespaço que necessariamente está vinculado à web, na medida em que vão sendo incorporadas as possibilidades dos fazeres off-line. Nessa perspectiva, as tecnologias digitais da informação e comunicação, uma vez que se transformam continuamente e condicionam a utilização de espaços multidimensionais de forma ampliada, proporcionam à esfera cultural novas possibilidades de usos e práticas sociais.

As expressões simbólicas distintas produzidas pelos usuários, na medida em que os dispositivos possibilitam diferentes formas de interação, transitam por todas as esferas que compõem o corpo social atual e promovem interferências estruturais em seu cotidiano. Tomando como base o campo da educação, é proposto que pensemos sobre as formas como estas expressões se apresentam nos diferentes espaços de aprendizagem. A reflexão acerca das interferências das culturas digitais nas trajetórias de ensino-aprendizagem diz respeito a melhor compreensão sobre os processos formativos que se apresentam como novas maneiras de pensar e de construir o conhecimento.

A educação hoje conta com um grande conjunto de dispositivos digitais que atribui um caráter multifacetado às possibilidades didáticas e corroboram para a promoção de experiências formativas interdisciplinares eficazes. Pelo menos quatro das competências gerais que compõem as prescrições estabelecidas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), na tentativa de um alinhamento do sistema educacional brasileiro, enfatizam sobre a importância do uso racional e efetivo destas ferramentas durante o processo educativo que, por sua vez, visa a preparação dos estudantes para os desafios da sociedade contemporânea. “Nesse universo, evidenciam-se formas de aprender (e de ensinar) que cada vez mais se distanciam dos modelos convencionais de educação, aqueles que centralizam suas práticas na postura individualizada e unidirecional do professor” (Lucena; Correia; Mendonça, 2020, p. 319).

As sociedades em rede reconfiguram a noção de tempo e de espaço, uma vez que as fronteiras geográficas são superadas pela interconectividade derivada da navegação no ciberespaço, que é intermediada principalmente pelos dispositivos móveis em conjunto com os *softwares/apps* sociais. Os saberes são produzidos dentro e fora do espectro escolar, o que faz com que a noção de educação, no que tange o seu processo na perspectiva prática, seja ampliada para além dos muros institucionais.

Os serviços oferecidos por meio das tecnologias móveis tornam-se importantes não apenas para receber ou enviar conteúdos em áudio e vídeo, mas também para a comunicação, interação social e acesso à informação antes restritas aos livros escolares. (Melo; Felipe, 2016, p. 44)

A interconexão dos diferentes saberes resulta na emergência de fazeres conjuntos vinculados a um raciocínio comum. Para além da noção de educação que estimula a manutenção do modelo reprodutor cultural, a hibridização dos costumes educativos nos possibilita enxergar novos meios de produzir o conhecimento, e não somente adquiri-lo. Em outras palavras, nos distanciamos cada vez mais do modelo tradicional da educação e nos deparamos com uma reformulação na estrutura deste setor no que diz respeito aos meios necessários para a prática de atividades formativas efetivas.

Nesse sentido, considerando que as diferentes disciplinas escolares possuem métodos específicos para a sua aplicação didática, nos propomos a reflexão sobre a forma como estas novas experiências educativas, viabilizadas pelo universo digital, implicam no processo de construção do conhecimento histórico especificamente. Em suma, pretendemos compreender e

evidenciar as formas como a consciência histórica é promovida a partir da manipulação das mídias digitais, tendo como base o fenômeno da educação incorporado pelos *apps* sociais.

EDUCAÇÃO HISTÓRICA NO YOUTUBE: APONTAMENTOS ESPECÍFICOS DE UMA AMPLA DISCUSSÃO

A Resultados Digitais, empresa brasileira no ramo de marketing digital, ao ter realizado um estudo de levantamento e análise de dados para investimento em conteúdos midiáticos, publicado em março de 2023, apontou que o *YouTube* é um dos principais *apps* sociais mais utilizados no Brasil. Conforme a pesquisa, o *app* somatiza cerca de 142 milhões de usuários em todo o país. Essa plataforma, que se faz presente no cotidiano das sociedades em rede há quase vinte anos, em suma, permite a veiculação de vídeos em perfis chamados de canais, nos quais os demais internautas podem se inscrever e navegar com a finalidade de acompanhar as atualizações de conteúdos compartilhados na web.

No que tange as suas utilidades para o campo da educação, esta rede social tem apresentado uma série de produções midiáticas voltadas à explanação de assuntos escolares das mais distintas áreas do conhecimento. A hibridização dos costumes educacionais, nesse sentido, respinga no modo de pensar os processos de ensino-aprendizagem e incorpora às novas tecnologias diferentes saberes e fazeres.

No caso específico do conteúdo de história é possível encontrar no YouTube materiais sobre conceitos (anarquismo, socialismo, direita, esquerda...), eventos (Independência do Brasil, Proclamação da República...), interpretações históricas sobre eventos (consequências da Inquisição, o legado de golpes e revoluções...), biografias de personagens históricos, novidades históricas, entre outros assuntos, além da enorme riqueza de formatos (exposição, debate, entrevista, animação, resenha de livros...). (Rodrigues, 2019, p. 178)

A exemplo disso, destacamos o canal Débora Aladim, que recebe em seu título o nome de uma das historiadoras mais conhecidas no universo digital da educação brasileira. Formada em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 2020, a professora cria conteúdos digitais e os publica no formato de vídeos em seu canal do *YouTube*, desde março de 2013 (quando ainda era estudante do ensino básico). Em seus vídeos, Débora aborda assuntos que abrangem o vasto universo da educação, como: possíveis temas de redação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); formas de ingresso na universidade por meio do Sistema

de Seleção Unificada (SISU); assuntos envoltos na grande mídia - como o Big Brother Brasil (BBB) – numa perspectiva crítico-educativa e, principalmente, conteúdos históricos editados de maneira multimodal (com imagens, fontes históricas e outros recursos).

Atualmente, o canal destacado apresenta um catálogo composto por 624 vídeos, os quais, em sua maioria, possuem duração entre 15 e 30 minutos (tendo em vista que o tempo varia conforme o conteúdo e a narrativa empregada). Além disso, em março de 2024, o perfil apresentava um número superior a 3,6 milhões de inscritos e os seus vídeos somavam um total de 250.731.587 visualizações. Dentre o total de vídeos publicados, cerca de 140 são voltados à explanação de conteúdos históricos que discorrem sobre temas como história geral, história do Brasil, curiosidades históricas e resumos de fatos históricos.

Para a análise proposta pelo seguinte estudo, optamos pelos títulos 1) Resumo de História: PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL e 2) O “DESCOBRIMENTO” DO BRASIL - HISTÓRIA DO BRASIL PELO BRASIL. O primeiro foi publicado em janeiro de 2016, e é um dos vídeos mais acessados de seu canal (com mais de 4 milhões de visualizações). O segundo, por sua vez, publicado em abril de 2019, trata-se do episódio de nº 1 de uma série de 15 vídeos que abordam fatos importantes da história do Brasil, na medida em que apresentam uma narrativa linear sobre esta mesma temática. A escolha dos títulos foi motivada, respectivamente, por questões pessoais (tendo em vista a proximidade com o canal da fonte desde a época do ensino básico) e acadêmicas, uma vez que percebemos um certo aprimoramento metodológico-científico na produção de seus conteúdos.

No primeiro vídeo, Débora discorre sobre os desdobramentos da 1ª Guerra Mundial. Apesar de não se utilizar de grandes recursos midiáticos em sua composição, tampouco de elementos cenográficos no ambiente da gravação, a forma como ela narra os acontecimentos que marcaram o período compreendido entre os anos de 1914 e 1918, ao mesmo tempo em que articula dados históricos durante a sua explicação, parece deixar o assunto mais compreensível (na medida em que a mesma se utiliza de uma linguagem que permite a sua aproximação com o público que a assiste). O que torna isso evidente são os comentários feitos pelos internautas que articulam as ferramentas de comunicação da própria rede para interagir.

Como um processo contínuo de construção do conhecimento, questões são levantadas constantemente no quadro de mensagens do vídeo. Links são compartilhados como dispositivos de acesso a materiais complementares à linha de raciocínio que incorpora os ocorridos durante

o período da 1ª Guerra Mundial. Curiosidades surgem na medida em que o público pondera sobre o que está sendo dito pela professora e até mesmo as conversas paralelas se transformam em reflexões conscientes quando são integradas aos memes que emergem a partir da compreensão daquele cenário de tensão.

Desse modo, a percepção destes elementos dialoga com o que Barros (2020) nos sinaliza sobre a forma como o universo digital, ao mesmo tempo que provoca, contribui na construção de novas linguagens para a história, seus usos, sentidos e significados. Assim como reforça o que Rodrigues (2019) já havia destacado acerca da existência do interesse por materiais que tratam sobre conteúdos históricos a partir das discussões relativas à guerra. Logo, ao selecionar o canal Débora Aladim, junto da compreensão de que o vídeo analisado dispõe de uma linguagem acessível, adaptada e favorável a construção do conhecimento histórico, pontua-se que também foram produzidas, dado o interesse de um grupo de consumidores do assunto que compreende o *YouTube* como dispositivo de busca, distintas linguagens de aprendizagem e divulgação histórica.

Já na série História do Brasil pelo Brasil (2020), destacada no quadro de *playlists* em seu canal, podemos notar uma outra estética, diferente do cenário fechado que abriga o vídeo “Resumo de História”. Sua especialização e aprofundamento na área permitiu-lhe um maior reconhecimento profissional, ao passo que a monetização do canal expandiu os seus horizontes. Nessa perspectiva, a historiadora explora os lugares que estão vinculados ao contexto histórico apresentado pela sua narrativa e utiliza uma série de fontes, além dos próprios espaços físicos, para explicar a história do Brasil de maneira lúdica, passando pelos lugares onde ela de fato aconteceu e evidenciando os aspectos reais que compõem a sua trajetória.

No segundo vídeo selecionado, o qual faz parte da série citada acima, Débora discorre sobre a chegada dos portugueses na Ilha de Vera Cruz e contextualiza as problemáticas desencadeadas pelo advento que demarca a “descoberta” do Brasil. A gravação foi feita na cidade de Porto Seguro (BA), onde os portugueses desembarcaram no ano de 1500. Além do lugar, que por si só apresenta grande relevância histórica, a professora se utiliza de fontes como mapas coloniais, fotografias de agentes históricos, monumentos patrimoniais (como o Marco do Descobrimento) e documentos escritos (como a carta de Pero Vaz de Caminha), abordando temas como o Tratado de Tordesilhas, a História Indígena, a figura de Pedro Álvares Cabral, a própria conotação do termo em destaque e alguns outros que contribuem para a construção de uma narrativa crítica que problematiza a visão consensual acerca deste fato.

A partir disso, compreendemos que o processo de profissionalização de Débora Aladim converge com o que Rodrigues (2019) nos aponta sobre a necessidade da apropriação do universo digital por parte dos historiadores, assim como reforça o pensamento de Barros (2022) em relação a transferência de criticidade dos conteúdos disponibilizados nas redes. A articulação de fontes históricas, com base em uma bibliografia fidedigna aos eventos, permite a elaboração de um discurso lúcido que apresenta os fatos históricos de forma coerente, ao passo que são contextualizados pela própria historiadora num processo de criação de conteúdos digitais. A alfabetização histórica promovida pela abordagem de Débora Aladim, nesse sentido, contrapõe-se à reprodução das ideias que enfatizam o modelo das sociedades historicamente subalternizadas, na medida em que mostra-se oposta e crítica a propagação do arbitrário cultural hegemônico.

Isto posto, fica evidente que o *YouTube* nos permite ao contato com o conhecimento histórico de maneiras diversificadas, possibilitando o acesso a uma vasta gama de conteúdos e a visualização de fontes historiográficas, na medida em que promove também o engajamento e o interesse dos estudantes pela história numa perspectiva de interação colaborativa, e que contribui para a efetivação de um aprendizado autônomo. As práticas viabilizadas por esta plataforma atribuem ao usuário uma característica de agente ativo e o revela autor em potencial das suas próprias proposições.

É fato, portanto, que as redes sociais estão diretamente ligadas aos processos formativos do cidadão contemporâneo, uma vez que as mesmas possuem um papel significativo para a construção dos saberes dirigentes da vida humana. Assim sendo, encaramos como necessária a reflexão sobre como estes canais midiáticos moldam a nossa percepção do passado quando incorporam os conhecimentos da história e os disponibilizam em suas linhas do tempo, considerando ainda que a consciência histórica não é alcançada apenas pela compreensão dos fatos, mas pela forma como os interpretamos e lhes atribuímos significados.

A GUIA DE CONSIDERAÇÕES: O CAMINHO ENTRE AS REDES SOCIAIS RUMO A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

O processo de formação histórico-educativa, ao que parece, tem como principal objetivo a promoção do que o historiador alemão Jörn Rüsen (2006) define como consciência histórica

que, por sua vez, “dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente”. Tal compreensão torna-se possível quando notamos a relação existente entre as esferas temporais e as articulamos em “uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro” (RÜSEN, 2006, p. 14). Tudo o que já foi, nesse sentido, construiu o que hoje é e pronuncia o que um dia poderá (ou não) ser.

Segundo o autor, “a história é enraizada nas necessidades sociais para orientar a vida dentro da estrutura tempo.” (RÜSEN, 2006, p. 8). Logo, a educação histórica é compreendida por ele enquanto uma atividade indissociável da vida prática no sentido de que é por meio do processo de lapidação do conhecimento histórico que conseguimos nos localizar temporalmente no espaço. Nessa perspectiva, a consciência histórica dialoga com a busca pela autonomia social do indivíduo enquanto agente integrante do lugar onde vive, no tempo em que se vive, a partir da compreensão de que também é parte do mesmo.

Os caminhos para esta jornada histórico-educativa transformam-se constantemente de acordo com o que nos é disponibilizado enquanto canal de ligação entre a teoria e a prática. As redes sociais, como podemos perceber, apresentam dispositivos que articulam a historiografia e forjam novos mecanismos de disseminação e produção de saberes, promovendo assim diferentes possibilidades para a realização da leitura do espaço à nossa volta a partir do fator tempo.

Apesar de estes dispositivos apresentarem particularidades nas respectivas interfaces, no sentido de como operam as suas atividades, partimos da premissa em que ambos possuem mecanismos de linguagem participativa em conexão. Logo, todos eles promovem possibilidades didáticas que envolvem um amplo acesso à informações historiográficas (junto da contextualização dos eventos passados e seus desdobramentos), diferentes processos de compartilhamento e disseminação, além de contribuir para a preservação da memória coletiva e a criação de conexões sem fronteiras. Nesse sentido, os *apps* sociais permitem o diálogo com as discussões emergentes no ambiente escolar e provocam um movimento de ampliação dos espaços de aprendizagem.

A partir destes recursos podemos tornar as aulas de história mais atrativas, ao passo que desmistificamos as formas de compreender e interpretar os acontecimentos históricos, aproximando o passado e o presente na medida em que instigamos a interação entre o indivíduo

e o seu próprio tempo. Enquanto professores e pesquisadores, podemos explorar perfis e páginas dedicados à discussão sobre o conteúdo da história, promover pesquisas históricas colaborativas intermediadas por debates online e incentivar a apreensão do conteúdo a partir da própria criação de produtos midiáticos - tendo sempre em mente a necessidade de ser crítico e verificar a confiabilidade das fontes.

Tudo o que é necessário para a promoção da consciência histórica, portanto, encontra-se inserido no universo das redes. Dentre as tantas plataformas sociais, disponíveis nas lojas de aplicativos dos sistemas operacionais, que viabilizam este processo, além do *YouTube*, podemos listar o *WhatsApp*, o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter* (recentemente renomeado como X) e outras mais que articulam operações multimodais de comunicação e intercalam textos escritos, imagens - animadas ou não - e sons, promovendo uma dinâmica de caráter instrutivo, para além do entretenimento.

Nessa perspectiva, uma das maiores problemáticas que açoitam o campo da aprendizagem, no que tange os usos dos saberes da história, está diretamente relacionada ao desenvolvimento crítico individual da informação disponibilizada no ciberespaço, pois o conhecimento histórico é promovido pela prática investigativa da veracidade dos fatos com base na análise de evidências. Diante dessa constatação, é correto afirmar que existe um dilema no campo da construção dos saberes históricos viabilizada pelas redes sociais, o qual consiste no enfrentamento às distorções sofridas pelas narrativas que buscam explicar os acontecimentos marcados pelo tempo.

Assim, a educação histórica a partir e em conjunto dos meios digitais, tal como dos *app* sociais, devem ser compreendidos como uma das possíveis linguagens de construção e disseminação do conhecimento histórico de forma a ser pensada em conjunto com a educação escolar. Dentre suas possibilidades, junto do acesso de distintos materiais, transitar por esses espaços, como produtores e/ou consumidores, nos permite romper com narrativas hegemônicas e construir novos caminhos, tanto para o ensino como para a promoção de uma educação plural.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, e principalmente a partir do objetivo de compreender as formas como a educação histórica pode ser efetivada em conjunto com as redes sociais, conclui-

se que temos ao nosso favor uma gama de dispositivos inovadores metodológicos, os quais reconfiguram as interfaces educativas no que tange as maneiras de pensar, aprender, produzir e ensinar a história. Ao mesmo tempo em que estes *apps* sociais veiculam a informação histórica por diferentes meios, articulando fontes que nos permitem ao conhecimento dos fatos dirigentes da trajetória humana no tempo, também possibilitam a emergência de novos fazeres que reorientam os processos de formação do saber.

Entre clicks e comandos, professores podem compartilhar conteúdos histórico-educativos, eventos atuais relacionados à história e análises críticas sobre conceitos característicos da área. As plataformas sociais permitem que os estudantes acessem informações históricas atualizadas e relevantes, incentivando a sua participação ativa em debates sobre questões relacionadas ao tempo passado. Estes agentes também podem criar conteúdos históricos originais, como vídeos, infográficos ou apresentações, e disseminá-los nas redes, estimulando a pesquisa, a criatividade e a habilidade de comunicação.

Dessa forma, a consciência histórica viabilizada pelo aprendizado nas redes é resultado de um exercício colaborativo e crítico-informativo, num movimento de problematização dialógica das narrativas hegemônicas relativas aos saberes da história. O conhecimento, nesse sentido, é fruto dos questionamentos contemporâneos que refletem o passado através das lentes digitais.

REFERÊNCIAS

- BARCA, I. Educação histórica : uma nova área de investigação. **História**: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [S. l.], v. 2, 2018. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5126>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- BARRETO, Silvana Simão; CRESPO, Luís Fernando. Cultura Digital ou Cibercultura: Definições e Elementos Constituintes da Cultura Digital, a Relação com Aspectos Históricos e Educacionais. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 7, n. 2, p. 229-244, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/pesquisa/wp-content/uploads/sites/33/2016/03/93.pdf>.
- BIANCHESSI, C.; ROMANOWSKI, J. P. A construção do conhecimento histórico pelos alunos do Ensino Médio. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023040, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.17449. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17449>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LUCCHESI, Anita. História Pública Digital: : dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. **Boletim do Tempo Presente**, [S. l.], v. 11, n. 03, p. 36–43, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/17464>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- LUCENA, S.; VIRGINIA CORREIA DE ANDRADE SANTOS, S. .; MENDONÇA DA MOTA, G. . Formação continuada de professores com as tecnologias móveis digitais. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 232–248, 2020. DOI: 10.22195/2447-524620202530440. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/30440>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- MEZZAROBBA, Cristiano. Reflexões sobre a formação de professores, práticas midiáticas e mediações educativas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 8, n. 17, p. 191–210, 2015. DOI: 10.20952/revtee.v8i17.4523. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/4523>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e0201, 2021. DOI: 10.5965/2175180313342021e0201. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0201>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- PEREIRA, C. W. Cenários revolucionários em cena: reflexões sobre consciência histórica, transformação social e expectativa em alunos do Ensino Médio. **História & Ensino**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 115–130, 2013. DOI: 10.5433/2238-3018.2013v19n2p115. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/16003>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para YouTube e Podcast. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 84-93, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/cbie.sbie.2020.739>.

RODRIGUES, Icles. História no YouTube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 8, n. 2, p. 175-191, jul./dez. 2019.

RUSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 01, n. 02, p. 07-16, dez. 2006. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180943092006000200002&lng=pt&nrm=iso. acesso em 11 abr. 2024.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 10, n. 22, p. 23–32, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2003.22.3229. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SANTOS, Ana Carolina Lima. O Memorial da Resistência em fotos de visitantes no Instagram: modos de ver, sentir e pensar o passado, o presente e o futuro. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 27, p. 101–128, 2019. DOI: 10.5965/2175180311272019101. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311272019101>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SANTOS, Sandra Virginia Correa de Andrade; SILVA, Camila Gomes Santos da; CARVALHO, Tainah dos Santos. Culturas digitais: diálogos e reflexões para a formação docente. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 15, n. 34, p. e17744, 2022. DOI: 10.20952/revtee.v15i34.17744. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/17744>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência histórica, mudança social e ensino de história. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, p. 395-410, set./dez. 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

WENDEROSCK, Renan Carvalho. A História no Mundo Digital: breves considerações sobre as tecnologias digitais e o Ensino de História. **Epígrafe**, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 2, p. 330–359, 2021. DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i2p330-359. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/173732>. Acesso em: 11 abr. 2024.